

Judas-Asvero, o Trans-ominoso

Camila Salles Gonçalves

Descrita literalmente, a repetição celebrante de Euclides da Cunha permite o rastreamento do singular universal, atividade também indissociável da fundação da Psicanálise.

Judas-Asvero, de Euclides da Cunha, pequena crônica datada de 1905, dificilmente se apaga na memória de quem se envolve com a literatura brasileira. É um relato macabro e inquietante, composto na famosa intensidade dramática do autor. Retrata o sábado de Aleluia comemorado pelos seringueiros do Alto Purus, de um modo que resgata a estranheza de uma tarefa lúdica repetida ano após ano, preparação e realização de ritual derivado do religioso.

A confecção de bonecos para serem sacrificados tem, na especificidade do grupo humano descrito, o poder de reevocar o horror do supostamente familiar. No folclore, como na brincadeiras dos netos, estão sempre aí as encenações infantis da humanidade. Que força demoníaca liberam quando se quebra a casca

Camila Salles Gonçalves é psicóloga e psicoterapeuta. Professora de Filosofia, doutora pela USP. Autora de *Historicidade e Psicanálise Existencial em Sartre* (no prelo). Aluna do Curso de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

do fastidioso *mesmo*? Euclides da Cunha apresenta a paisagem estagnada do desde sempre presenciado:

“a Igreja dá-lhe um emissário sinistro: judas; e um único dia feliz: o sábado prefixo aos mais santos atentados, as balbúrdias confessáveis, à turbulência mística dos eleitos e à divinização da vingança.

Mas o monstrengo de palha, trivialíssimo, de todos os lugares e de todos os tempos, não lhe basta à missão complexa e grave.

citar ao mesmo tempo que sua divina vítima, de modo a desafiar uma repulsa mais espontânea e um mais compreensível revide, satisfazendo à saciedade as almas ressentidas dos crentes, com a imagem tanto possível perfeita da sua miséria e das suas agonias terríveis.”

Ao fazer a junção do *vivo* e do *cruel*, trazendo para o semblante do “monstrengo de palha” a marca de experiências penosas, o artesão de todos os anos imprime na sua obra uma forma singular do “ominoso do retorno do igual”¹. Leito-

Fascinado pelo conto de Hoffmann, Freud ressaltou a força de encantamento da literatura, ao mesmo tempo em que encontrou talvez a mais rica e elaborada expressão do campo da investigação psicanalítica, onde toma forma o “*Unheimlich*”. Um trabalho de Márcio Giovannetti explora com talento certas possibilidades de sentido dessa aparição:

“Pede-se fechar os olhos do pai morto, isto é, o ponto de vista da ordem estabelecida, para que um outro olhar possa existir, para que o olhar do filho possa ocupar o lugar do olhar do pai. Neste contexto, a morte do pai que precedeu o sonho de Freud é o golpe mortal no compromisso com a ordem vigente, com o familiar, com o doméstico, demarcando o advento do estranho, do sinistro, do “*Unheimlich*”⁴.

Descrita literariamente, a repetição celebrante euclidiana permite o rastreamento do singular universal, atividade também indissociável da fundação da psicanálise, escavadora

da *potência atual do mesmo* que *retorna*. Uma característica essencial, que mantém viva a teoria psicanalítica, está no seu poder de dar a conhecer de uma certa forma as situações humanas, no que elas tem de peculiar e de comum à espécie. Procuramos refletir a respeito dessa forma a partir da metáfora de Euclides da Cunha.

O judas é “o manequim vulgar, que surge em toda parte e satisfaz à maioria das gentes”. O auge da satisfação que só proporcionar está supostamente na malhação, psicodrama óbvio do sadismo, com efeito catártico na massa. Entretanto o sertanejo euclidiano não espanca o boneco e

Trazendo para o monstrengo de palha a marca de experiências penosas, o artesão produz uma forma do “ominoso retorno do igual”.

Vem batido demais pelos séculos em fora, tão pisoado, tão decaído e tão apedrejado que se tornou vulgar na sua infinita miséria, monopolizando o ódio universal e apequenando-se, mais e mais, diante de tantos que o malquerem”.

É no parágrafo seguinte que o olhar do narrador começa a sacudir nossa sonolenta convivência com o folclore, ao ajustar o foco do estranhamento:

“Faz-se-lhe mister, ao menos, acentuar-lhes as linhas vivas e cruéis; mascarar-lhe no rosto de pano, a laivos de carvão, uma tortura tão trágica e em tanta maneira próxima de realidade, que o eterno condenado pareça ressus-

res de Freud, abrimo-nos para a ressonância de outra cena do horror do humano imobilizado nos bonecos. Despertamos para o desconforto diante do que é “capaz de recordar” uma “compulsão interior de repetição”².

A evocação de textos freudianos gera outros focos de iluminação fantástica para essa criação literária, mas não deve nos deter no fascínio do jogo de luzes. Pretendemos antes viver o prazer da literatura para transitar por aquilo que se formulou como para além dela, a metapsicologia. Esta, algumas vezes se situou em um “âmbito determinado da estética” referido a “qualidades do nosso sentir”³.

resiste à dissolução na histeria pessoal. Faz parte de um aglomerado humano pouco coeso, castiga de uma maneira muito específica a sua criação disforme e mantém a individualidade da personagem representável como figura única, apesar de integrar a tropa dispersa nas margens do rio.

Violentamente arrastado por seu criador, o judas é embarcado, iniciando-se aí o suplício para o qual estava destinado. O gozo com seu funesto trajeto unifica os algozes. É o momento em que cada um deles se reconhece a si mesmo e aos demais, na finalidade comum, constituindo um *grupo*, na *fusão* festiva.

O navegante flutua em inúmeras embarcações, judas multiplicado em procissão que desfila o mal. Temos o quadro de uma seqüência de "stultiferae navis", carregadas de simulacros:

"E o judas feito Asvero vai avançando vagarosa-

mente para o meio do rio. Então os vizinhos mais próximos, que se adensam, curiosos, no alto da baranca, intervêm ruidosamente, saudando com repetidas descargas de rifles aquele bota-fora. As balas chofram a superfície líquida, erriçando-a, cravam-se na embarcação, lascando-a; atingem o tripulante espantoso; trespassam-no. Ele vacila um momento no seu pedestal flutuante, fustigado a tiros, indeciso, como a esmar um rumo, durante alguns minutos, até reaviar no sentido geral da correnteza. E a figura desgraciosa, trágica, arrepiadoramente burlasca, com os seus gestos desmanchados, de demônio e truão, desa-

fiando maldições e risadas, lá se vai na lúgubre viagem sem destino e sem fim, a descer, a descer sempre, desequilibradamente, aos rodopios, tonteando em todas as voltas, à mercê das correntezas, de 'bubuiá' sobre as grandes águas."

Acompanhamos o trajeto patético e a condensação da imagem que permite ao escritor cunhar seu nome. No palco amplo do Purus, um inédito teatro de bonecos funde dois judeus malditos. Sempre conhecemos, por ouvir dizer, histórias ancestrais de per-

derados loucos, deixando-os à deriva, ou enviando-os de uma aldeia para outra, pesquisado e comentado por Foucault⁶; por outro, reaviva Caronte em nossa memória.

O barqueiro da mitologia grega, condutor de almas daqueles que tinham sepultura e pagamento de óbulo efetuado, levava-as para seu lugar, por pior que este fosse. As sombras que não dispunham das mesmas condições vagavam pelas margens, suplicando a Caronte que as conduzisse para o Hades. Embarcados, mas sem

Talvez o "tripulante espantoso" provenha de cultos ancestrais, ainda mais universais do que o trazido pelos colonizadores.

sonagens que permitem a catarse de paixões agressivas, a farrá da desforra. Descendentes de portugueses em nossa cultura, estamos habituados à figura queimada todos os anos, introduzida desde o início da colonização européia. Entretanto, talvez o "tripulante espantoso" constitua versão de cultos ainda mais ancestrais do que aquela trazida pelos colonizadores e, provavelmente, mais universais⁵.

Na linha de tradição relatada por Câmara Cascudo não encontramos o costume de embarcar rio abaixo as forças do mal. Mas, a expulsão pelas águas nos lembra, por um lado, o costume medieval de carregar barcos com os consi-

ter a quem suplicar, os judas não encontram a tradicional finalização pelo fogo e seu destino é o de não chegar a parte alguma:

"Depois, a pouco e pouco, debandam. Afastam-se; dispersam-se. E acompanhando a correnteza, que se retifica na última espira dos remansos - lá se vão em filas, um a um, vagarosamente, processionalmente, rio abaixo, descendo..."

A cena final da narrativa euclidiana faz partir e ao mesmo tempo mantém presente a procissão macabra. Representando o que vaga para sempre, ou por um tempo ainda não encerrado por uma determinação divina, os bo-

necos dos seringueiros tomam também o nome de Ashverus, o judeu errante.

Mais uma tradição que nos veio de Portugal, a lenda do judeu errante tem infinitas versões e variações. Uma das mais repetidas é a do sapateiro de Jerusalém, que empurrou e enxotou o Cristo aprisionado pelos romanos:

“O sapateiro deixou o trabalho para empurrar o Salvador, gritando: *Vai andando! Vai logo!* Nosso Senhor respondeu: *Eu vou e tu ficarás até a minha volta!* E o

a respeito de promoverem ou não esse sentido, no cuidado texto diante do qual nos debruçamos.

Queremos introduzir, para apoiar a reflexão despertada por sua imagem, fragmentos do que julgamos ter ouvido nos últimos seminários teóricos de Pierre Fédida, em São Paulo. O pensador despertou nossa atenção para o modo pelo qual, numa certa leitura, inspirada em Leibniz, “aquilo que chamamos de ‘*transfert*’ comporta a transmissão genealógica da alma anterior”. Assinalou que

sença da família viva”.

Tomemos a rústica procissão aquática de judas-asverus como figuração de sentidos de *transfêrência* magistralmente indicados por Fédida. É claro que pretender reproduzir o leque de possibilidades trazido por sua abordagem redundaria agora apenas em um modo pretensioso de reduzi-lo. Entretanto, permitimo-nos incorporar algo das sugestões que contém para pensar a respeito daquilo que se *transmite* na metapsicologia e de *como* se transmite.

No título de Euclides da Cunha o elemento não diretamente nomeado é o seringueiro. Observemos o fazer onírico desse sertanejo tornado habitante das margens:

“Novos retoques, mais delicados, mais cuidadosos, mais sérios: um tenuíssimo esbatido de sombra, um traço quase imperceptível na boca refogada, uma torção insignificante no pescoço engravatado de trapos...”

“arranca o seu próprio sombreiro; atira-o à cabeça de judas; e os filhinhos todos recuam, num grito, vendo retratar-se na figura desengonçada e sinistra o seu próprio pai.

É um doloroso triunfo. O sertanejo esculpiu o maldito à sua imagem.”

Tudo se passa como se o deicida ressurgisse nessa tarefa repetida de dar forma e preparar para o *trânsito* agônico a criatura.

Para Roland Auguet, autor de *Le Juif Errant*,

“Foram os peregrinos da Idade Média que, impregnados por uma literatura que tinha difundido

É como se o deicida ressurgisse nesta tarefa repetida de dar forma à criatura e prepará-la para o *trânsito* agônico.

homem ficou até hoje, andando pelo mundo, liberto da lei da morte, sem pressa e sem descanso. Espera o regresso do Senhor, que lhe deu a imortal penitência”.

Em seu projeto de configurar as características do brasileiro popular e regional, Euclides da Cunha poderia ser o intérprete possuído por almas ancestrais, nomeadoras do fenômeno sociológico que ele queria observar. Obviamente os dois judeus malignos que entram na nomeação da imagem por ele apresentada são produtos de histórias que serviram para instigar preconceitos, perseguições e extermínios. Mas não entraremos agora na questão

“a alma do ancestral” comporta uma “questão essencial”. Na riqueza metafórica de sua fala, referiu-se ao *atrium* das famílias patrícias, depositário dos moldes constituídos pelos traços dos semblantes dos antepassados mortos. Comentou: “On les appelle des *images*”.

Presenteou-nos com a narrativa de como as imagens em cera dos ancestrais eram retiradas de seu confinamento por ocasião das pompas fúnebres. “*Imagines aperire*” indicava a ação de “abrir” as imagens. Estas eram retiradas dos armários e dos quartos e levadas em procissão. O ritual consistia em “mostrar as imagens, ou seja, a genealogia da família, na pre-

amplamente o tema da culpabilidade judia ligado à acusação do deicídio, inventaram na personagem de Malchus a personagem do judeu condenado a um castigo eterno.”

Euclides da Cunha quer significar o castigo, a condenação que é o trabalho praticamente escravo do sertanejo arrancado de suas raízes, errando por plagas distantes de sua região de origem. A personagem identificaria seu trabalho explorado com uma punição reiterada da cobiça, restando-lhe um surdo arrendimento, exibido no ritual:

... “só lhe é lícito punir-se da ambição maldita que o conduziu àqueles lugares para entregá-lo, manietado e escravo, aos traficantes impunes que o iludem e este pecado é o seu próprio castigo, transmutando-lhe a vida numa interminável penitência. O que lhe resta a fazer é desvendá-la e arrancá-la das matas, mostrando-a, nuamente, na sua forma apavorante, à humanidade longínqua...”

Dificilmente as narrativas que tentam elucidar fenômenos da cultura popular deixam de incorporar e de transmitir o cientificismo de sua época, entretecido na interpretação. As conjecturas científicas euclidianas são deliberadamente buscadas, transformam-se, como constata a crítica acurada dos especialistas⁹ e ficam se nas raízes que *formam*¹⁰ a literatura brasileira. Na maneira freudiana de narrar temos evidentemente um objetivo manifesto inverso, onde a criação literária está a serviço da fundação da ciência.

Formando-se em entrelaçamento com cada “fato comprovado empiricamente”¹¹ a ficção metapsicológica freudiana desenhou seus estranhos aparelhos, gerando futuro para a elucidação dos processos anímicos. Para além de inspirações em máquinas fotográficas e telescópios, assumiu diversos gêneros literários em suas mutações, compôs a mitologia filogenética, reencontrou-se com a narração filosófica, etc, etc.

Procurando sair da vertigem causada pelo vislumbre dessa tra-

dade, nossa leitura é ensaio que vai se formando no intuito de se abrir para pegadas do percurso de produção dessa potência investigadora.

Um dos textos em que Freud retoma considerações a respeito da religião, dois anos após publicar *Totem e Tabu*, é *Considerações sobre a Atualidade da Guerra e da Morte* (1915). Citando a lamentação de Aquiles, protagonista em uma passagem da Odisséia, da “multidão desesperançada dos mortos”, observa que, ao longo da

As tradições religiosas, os ritos populares, os mitos e as lendas vão entremeando a narrativa psicanalítica, inseparável da metapsicologia.

jetória, tentamos fixar um ponto de nitidez suficientemente boa para um mínimo de reflexão. Detivemo-nos em um “produto” da “fantasia” popular. Pensando em criações populares, Freud transmitiu o múltiplo *interesse da psicanálise*¹², mas, por essa via, também nos legou a possibilidade de acompanharmos certo modo de se constituir da teoria psicanalítica.

“Flashes” destacados a partir de nossas limitações indicam como as tradições religiosas, os ritos populares, os mitos e as lendas, vão entremeando a narrativa psicanalítica, inseparável da metapsicologia. Ponto de vista que nada pretende quanto à originali-

história, no princípio, a suposição de existências posteriores referia-se apenas a apêndices daquela que a morte encerrava”¹³.

Tema feurbachiano por excelência, o “rebaixamento” ou retirada do valor da vida terrena está compreendido pela interpretação narrativa freudiana:

“Só mais tarde conseguiram as religiões apresentar esta existência póstuma como a existência plena e rebaixar a vida truncada pela morte à categoria de uma mera preparação”.

Dentre muitos outros, André Green tem o mérito de resgatar as perspectivas de “renversement” das teorias de Freud sobre movi-

mentos evolutivos, partindo de uma afirmação indispensável para que recuperemos certas perspectivas de fundação da psicanálise: "On ne rapelle pas assez que Freud admirait Feurbach"¹⁴.

Refletindo a respeito da religião, de seus aspectos de ilusão empobrecedora diante da facticidade da morte, e do *estrangeiro* transformado em inimigo, Freud refunda a origem de mecanismos de alienação. A partir deles se *superestrutura* o que se chama então (1915) "consciência moral".

aparente "plasticidade extraordinária das evoluções anímicas" não é "ilimitada" e que podemos considerá-la como uma faculdade especial de involução, de regressão".

Mecanismo concebido para teorizar a partir da observação de características dos fenômenos oníricos, ampliado para explicar a própria produção dos sonhos na máquina psíquica, a *regressão* é também peça-chave na maneira de contar a história da humanidade. Nessa história se mostra a retomada da hostilidade contra o

se aponta "Israel povo assassino", "povo deicida". Percorrendo incontáveis versões documentadas do Ashverus, Roland Auguet revela as criações populares que vão surgindo ao lado das histórias escritas para acusar os judeus. No meio do povo, o Judeu Errante, protagonizado por impostores, por vagabundos, aparece também como taumaturgo que se jacta de ter o dom de ler nas almas, como exorcista, como miragem da juventude eterna e da bravura. Malchus é um soldado romano que se torna judeu.

Em 1930, a ficção sociológica, que se intitula primeiro *Infelicidade* (como falta de sorte) e depois *Malestar na Cultura*, apresenta várias faces da religião como "seguro de felicidade", "proteção contra a dor", "quimera paranóica", "delírio coletivo". Nesse meio se inscreve a figura do "judeu que aguarda a hora da perseguição".

Deixando-se "guiar pelo sentido da linguagem", a psicanálise

pode se fazer como narrativa multifacetada do surgimento da cultura e da sua própria origem. Movimento estranho, que se serve do método de narrar para descobrir a origem que fundamenta as narrativas, revolução nos paradigmas científicos. Interpreta a *Escritura* como o que "é, originalmente, a linguagem do ausente".

Errando através de múltiplos interesses, a escrita psicanalítica funda seu mito do parricídio violento e nele está fundada. Tráí "o pai grandiosamente exaltado" pelas ilusões vulgarizadas nos rituais religiosos. Constitui *ruptura* violenta de narrativas

A clínica transita entre a narrativa repetida do paciente e a escuta que, rompendo-a, dá a ele condições para vagar por outros sentidos.

Esta, "medo social" em sua origem, enfrenta um "mundo que se lhe fez alheio". Voltada para um mundo em guerra, esta curiosa dialética "conta" um dos modos pelos quais as evoluções anímicas o perfazem.

A maneira freudiana de conceber a evolução biológica e antropológica não pode ser ilustrada por uma linha reta de somações e acréscimos. Bem antes de derrubar a "ilusão de aperfeiçoamento" em *Além do Princípio do Prazer*, configura-se em uma escrita abaladora que pode ser exemplificada pelos traços que se compõem diante da decepção e do morticínio. Através destes registra que a

estrangeiro, que impregna a convivência familiar na regressão, onde se repete o desespero de arranjar a comodidade do quotidiano. Aí o preconceito estofa a simulação de aconchego.

Traidor e eternamente estrangeiro, o monstrengo euclidiano, vagando entregue à ira assassina que vem das margens, é marca itinerante de como dois cúmplices do deicídio se deslocam. A teoria da "ambição maldita" incorpora o que traí o Cristo, reconhecendo-o, e o que o enxota, empurrando-o para a morte.

A obra que consultamos, *Le Juif Errant*, apresenta o modo pelo qual, desde o século IV a.C.,

oficias, através de sua forma de escrever, que presentifica sentidos tornados ausentes.

Fédida, em nosso entender, retomou a relação do mito fundador com a clínica e com a formação psicanalítica, questionando o que se *transfere* e o que é evitado na *transmissão* manifesta do *ofício*. De tantas questões sugestivas, destacamos a violência da ficção. Pensamos nessa ficção como em *narrar* de uma outra maneira. O verbo *narrare* tem o sentido de “dar a conhecer”. Dando a conhecer de um outro modo, a teoria elucidou fatos da clínica e possibilita ainda hoje conceber uma característica essencial da própria clínica. Esta se faz no que *transita* entre a narrativa repetida do analisando e a escuta que lhe dá condições de, *rompendo* seu itinerário (seja como “ruptura de campo”, na teoria de Fábio Herrmann), vagar por outros sentidos.

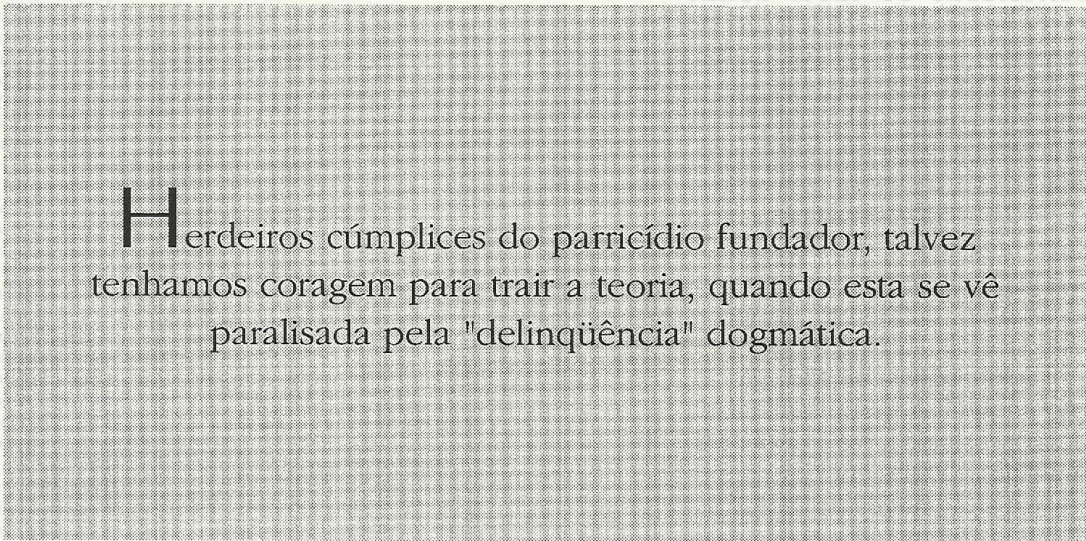
Um dos mais belos exemplos, de como a clínica vai fazendo Freud perceber a insuficiência da teoria até então desenvolvida, é *Recordar, Repetir e Elaborar* (ou *Perlaborar*) (1914). Através de movimentos precisos, a escrita deste texto narra os fatos da clínica e o modo pelo qual constituem tema que traz “coisas novas e desconcertantes”. Surpreendida pela *repetição* e pelo paradoxo da recordação de “algo que nunca foi esquecido”, *obstáculos epistemológicos*, a teoria chega a seu ponto de *ruptura* (no sentido de Bachelard). Trama a precisão do conceito de “neurose de transferência” enfrentando a “Wiederholungswang” (a compulsão de repe-

tição) e refaz o sentido de “transferência”: “não é por si mesma mais do que um fragmento da repetição e a repetição, a transferência do pretérito olvidado”. Para não deixar de dar a conhecer, a teoria se reedifica.

A *repetição* retorna como mistério não desvendado e é uma das fontes comuns de *Das Unheimlich e Além do Princípio do Prazer*, que recebem acabamento quase simultâneo. O “estranhamente familiar” traz o terrorífico de uma maneira especial de recor-

Efetuando certas modificações, podemos retirar desse campo uma metáfora para conceber o *ofício* do psicanalista. Se este se permite morrer, livrando-se de seu papel, pode tornar-se psicanalista a cada sessão, permitindo o trânsito das identificações do analisando.

Agora, por outro lado, detenham-nos nas figuras fantásticas que a narrativa metapsicológica criou, sustentando a teoria: aparelho anímico, vesícula viva, personagens que povoam os contos



Herdeiros cúmplices do parricídio fundador, talvez tenhamos coragem para trair a teoria, quando esta se vê paralisada pela "delinquência" dogmática.

dar “e a especulação filogenética permite, a partir da *compulsão de repetição*, iniciar as conjecturas metapsicológicas que culminam no mito da primeira pulsão, “a de regressar ao inanimado”.

Cinco anos antes da ficção científica que produz o conceito de “pulsão de morte”, Freud escreveu, ainda sob o impacto da guerra, a respeito da morte como horizonte e do encanto da ficção:

“No campo da ficção encontramos aquela pluralidade de vidas de que precisamos. Morremos em nossa identificação com o protagonista, mas sobrevivemos a ele e estamos dispostos a morrer outra vez, indenes, com outro protagonista”.¹⁵

de terror da castração, etc. A ficção dá pluralidade de vidas às conjecturas elucidativas. Mas parece que a metapsicologia se torna um corpo morto e atravancador quando invade diretamente a prática. A clínica, comprometida *a priori*, fecha-se como um túmulo para novas narrativas, que seus obstáculos (fatos novos e desconcertantes) poderiam propiciar, permitindo o movimento da investigação.

Apesar de formulada em outro contexto, uma observação de Ney Branco de Miranda explicita o estado de coisas a que nos referimos, denunciando a crença segundo a qual “o melhor cami-

nhopara entender a interpretação parte da metapsicologia". O autor mostra como a opção por um tal caminho está relacionada com uma atitude que "só fez conduzir a psicanálise rumo a um particularismo empobrecedor", concluindo: interpretar o significativo, as defesas, a angústia, são derivações diversas do apego ao plano metapsicológico, seja ele definido em termos formais, mecanicistas, ou outros quaisquer".¹⁶

As conjecturas metapsicológicas são tentativas de "explorar conseqüentemente uma idéia, por curiosidade de saber aonde leva"¹⁷. Herdeiros cúmplices do parricídio fundador, talvez tenhamos coragem para trair e empurrar a teoria, quando ela é paralisada pela "pálida delinqüência" dogmática. Se não, tentemos assassinar o poder paterno investigador e a ama feiticeira transformadora - que especula, teoriza metapsicológicamente e "quase" fantasia, como ressalta Renato Mezan¹⁸.

Se Moisés era ou não egípcio, não importa. A pesquisa alentada dessa possibilidade e o poder psicanalítico de abrir outras narrativas retoma, através de *Moisés e a Religião Monoteísta*, versão transformada do mito fundador (o parricídio), o *estrangeiro*. Esta é a personagem emblemática que se desloca, transmite e transfigura a tradição.

Na narrativa filosófica encontramos outro estrangeiro, personagem que vem juntar-se a Sócrates, para o exercício do pensamento, em *O Sofista*, diálogo de Platão. Os dois filósofos iniciam uma trabalhosa caminhada para definir o sofista. Ao longo do trajeto, identificam aquele que se vangloria de tudo saber e, no entanto, não passa de um fabricante de imitações de objetos ou ciências reais. Mas ainda é preciso descobrir o domínio em que o sofista pode exercer sua arte enganadora. Para prosseguir, é preciso reexaminar o pensamento do pai

simbólico, do grande Parmênides, que permanece intocado. O Estrangeiro de Eléia representa então o que é levado pela exploração conseqüente de suas questões e não se detém, nem sequer quando enfrenta o temor de ser tomado por insensato: considera a possibilidade do "parricídio", isto é, de desrespeitar a verdade estabelecida por Parmênides, no caso de esta impedir a investigação.

NOTAS

1. Freud, S. *Lo Ominoso* (1919) in Obras Completas, XVII, Amorrortu, Buenos Aires, 1986, p. 238.
2. Idem, ibidem.
3. Idem, p. 219.
4. Giovannetti, M. de F., "Um Terreno Pantanoso", trabalho apresentado no Fórum

Temático sobre "O Inconsciente", em 06/10/93, na Sociedade Brasileira de Psicanálise.

5. "Certamente o judas queimado é uma personificação das forças do mal e constituirá vestígios dos cultos agrários espalhados pelo mundo. Frazer e Manhardt registraram o uso, quase universal, de festas de alegria, nas proximidades do equinócio de verão, princípios ou fins das colheitas, para obter os melhores resultados nos trabalhos do campo. Queimava-se um manequim representando o deus da vegetação. Pela magia simpática, o fogo é o sol, e o processo se destinava a garantir às árvores e plantações o calor e a luz indispensáveis, submetendo a figura ao poder das chamas". - Câmara Cascudo, L. *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1954, p. 341.
6. "A *Narrenschiiff*, evidentemente, é uma composição literária, inspirada sem dúvida no velho ciclo dos Argonautas /.../. O quadro de Bosch, com certeza, pertence a toda esta frota de sonho. Mas de todos esses navios romanescos ou satíricos, o *Narrenschiiff* é o único que teve uma existência real, pois eles existiram, esses barcos que, de uma cidade a outra, levavam sua carga insensata", Foucault, M., *Histoire de la Folie*, Plon, Paris, 1961, pp. 18-19.
7. Câmara Cascudo, opus cit., p. 342.
8. Auguet, R. *Le Juif Errant*, Payot, Paris, 1977, p. 73.
9. Admirador da psiquiatria organicista inglesa, que absorveu os sucessores de Pinel e Esquirol, Euclides da Cunha lamentou-se no final de *Os Sertões*, pela inexistência de "um Maudsley para as loucuras e os crimes das nacionalidades." Franklin de Oliveira mostrou como ele "teria evoluído, de um determinismo racial e psicológico, patente em *Os Sertões*, para uma forma de dialética econômica", Oliveira, F. de, *A Fantasia Exata*, apud Bosi, A., *História Concisa da Literatura Brasileira*, Cultrix, São Paulo, 3ª edição, 18ª t., s/d. p. 351.
10. Formam no sentido empregado por Antônio Cândido, que não está em uma definição precisa, mas em considerações como esta: "Ninguém, além de nós, poderá dar vida a essas tentativas muitas vezes débeis, outras vezes fortes, sempre tocantes, em que os homens do passado, no fundo de uma terra inculta, em meio a uma aclimação penosa da cultura européia, procuravam estilizar para nós, seus descendentes, os sentimentos que experimentavam, as observações que faziam, dos quais se *formaram* os nossos". (grifo nosso). Cândido, A., *Formação da Literatura Brasileira*, Martins, São Paulo, 4ª ed., s/d, p. 10.
11. Freud, S., *La Interpretación de los Sueños*, in Obras Completas V, opus cit., p. 537.
12. "Em primeiro lugar, parece muito possível transferir para os produtos das fantasias dos povos, como o são o mito e os contos tradicionais, a concepção psicanalítica obtida à raiz do sonho". Freud, S., *El Interés por el Psicoanálisis* (1913) in Obras Completas XVIII, opus cit., p. 187.
13. Freud, S., *De guerra y Muerte*, (1915), in Obras Completas XIV, opus cit., p. 290.
14. Green, A., *Le Travail du Négatif*, Minuit, Paris, 1993, p. 13.
15. Freud, S., *De Guerra y Muerte*, opus cit. p. 292.
16. Miranda, N. B. de, "Um Conceito Hermenêutico de Representação para a Clínica Psicanalítica", Boletim Pulsional no 53.
17. Freud, S. *Más Allá Del Principio de Placer*, (1920), in Obras Completas XVIII, opus cit., p. 24.
18. Mezan, R., "Metapsicologia/Fantasia", in Birman, J. (org.), *Freud, 50 Anos Depois*, Relume-Dumará, Rio de Janeiro, 1989, p. 115.